

02/05/2019 - 05:00

Bolsa segue no radar para diversificação

Por **Adriana Cotias**

Mesmo com o "chove-não-molha" dos últimos pregões, a bolsa despontou como um dos ativos de melhor desempenho em abril dentre as aplicações financeiras. Os estrategistas de investimentos ainda acreditam que quem partir para a diversificação com uma parcela da carteira em ações será premiado, mas advertem que não é hora de colocar todas as fichas nesse tipo de risco porque até a reforma da Previdência ser aprovada é de se esperar muito vaivém de preços. A recomendação é tomar o mesmo passo dos gestores profissionais e deixar um pouco mais dinheiro em caixa, ou seja, em aplicações atreladas ao CDI ou à Selic, para aproveitar eventuais oportunidades.

No mês passado, foi o índice de dividendos, que reúne empresas reconhecidas pela distribuição de resultados, que levou a melhor, com ganhos de 3,09%, seguido pela carteira com ações do setor imobiliário (1,67%) e pelo índice de small caps (1,66%), de companhias de menor capitalização na bolsa. O Ibovespa, principal termômetro do mercado acionário brasileiro, subiu 0,98% e acumula no ano ganhos de 9,63%. Na renda fixa, destaque para o IMA-B, que representa uma cesta de papéis atrelados à inflação, com valorização de 1,51% em abril e 7,13% no ano.

Evolução das aplicações financeiras

Rentabilidade no período em %

2019	Nominal					Real*				
	Jan	Fev	Mar	Abr	Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Ano
Renda Fixa										
Selic (1)	0,54	0,49	0,47	0,52	2,04	0,22	0,06	-0,28	-0,03	-0,03
CDI (2)	0,54	0,49	0,47	0,52	2,04	0,22	0,06	-0,28	-0,03	-0,03
CDPI(2)	0,53	0,53	0,49	0,52	2,09	0,21	0,10	-0,25	-0,03	0,03
Poupança (3)	0,90	0,90	0,90	0,90	2,02	0,18	0,07	-0,25	-0,05	-0,05
Poupança(4)	0,37	0,37	0,37	0,37	1,49	0,05	-0,06	-0,38	-0,18	-0,56
IRF-M	1,39	0,29	0,59	0,61	2,90	1,06	-0,14	-0,16	0,06	0,82
IMA-B	4,37	0,95	0,58	1,51	7,13	4,03	0,12	-0,17	0,95	4,97
Renda Variável										
Ibovespa	10,82	-1,86	-0,18	0,98	9,63	10,46	-2,28	-0,92	0,43	7,41
Índice Small Cap	9,41	-1,82	0,10	1,66	9,32	9,06	-2,24	-0,64	1,11	7,11
IBOV 50	10,44	-1,48	-0,18	0,47	8,11	10,88	-2,11	-0,87	0,37	6,88

Em meio a tantos ruídos no campo político não dá para dizer que foi um resultado ruim até aqui. Apesar de a pauta da Previdência ter entrado numa nova etapa, ao passar para a comissão especial da Câmara, a percepção é que a aprovação deve ficar para o segundo semestre. Enquanto isso, as projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) têm sido revistas para baixo e a economista custa a ganhar ritmo.

"Nesse nível, com a reforma entrando numa fase que vai ser discutida ponto a ponto, os preços das ações parecem estar no lugar correto, sem muito

prêmio", diz Fernando Lovisotto, sócio da Vinci Partners. Para quem tem dinheiro novo, ele diz que pode até comprar bolsa, mas devagar. "Na medida do possível é melhor até carregar pouco risco e acompanhar de perto os movimentos. Eu não faria todo o investimento agora, colocaria ao longo do tempo e reservaria mais caixa para esperar um momento melhor."

Para Lovisotto, a euforia observada no começo do ano deu lugar a um certo choque de realidade e a partir de agora os ativos vão depender de coisas mais concretas para avançar. "A expectativa era que o governo seria ágil e aprovaria tudo rapidamente. Não é bem assim." De toda forma, ele lembra que os preços estão perto das suas máximas.

Na renda fixa, Lovisotto diz preferir as Notas do Tesouro Nacional série B (NTN-B) e os prefixados mais curtos para o investidor não ficar muito exposto às oscilações. No Tesouro Direto, o Tesouro IPCA+ 2024 assegurava taxa de 4,11% mais a inflação, enquanto o Tesouro Prefixado com resgate em 2022 sinalizava 7,77%, ante 6,5% da atual Selic. Isso quer dizer que, se a taxa básica da economia ficar congelada no nível atual, o investidor garante um retorno melhor por mais tempo. No boletim Focus, a taxa esperada para o fim de 2020 é de 7,25% ao ano.

Os investidores já perceberam que o ajuste fiscal com a Previdência como carro-chefe não será linear, diz Carlos Carvalho, sócio da Saga Capital. "É um trajeto sujeito a alguns quebra-molas pelo caminho, tem um período volátil e no final a aprovação pode até surpreender", afirma. Tecnicamente, ele diz que o mercado está numa posição mais favorável porque os últimos dois meses foram marcados pela desalavancagem dos investidores domésticos que estavam comprados na tese de que a reforma passaria de forma tranquila. "Como o mercado está mais leve do que antes, favorece um reposicionamento do lado otimista."

No curto prazo, o especialista acha que a bolsa é o ativo com mais chances de alta desde que a reforma da Previdência não sofra diluições drásticas. "Mas é para quem tem estômago", ressalva. Na sequência, baseado na mesma premissa, é o juro real que teria condições de cair, enquanto a moeda brasileira algum potencial de valorização já que tem ficado para trás em comparação a outras divisas emergentes.

Mesmo nos juros nominais aparentemente há prêmios, diz Carvalho, que podem atrair o capital externo. O Tesouro Prefixado para 2029, com pagamento de juros semestrais, apontava taxa de 8,93% ao ano no Tesouro Direto. "A curva de juro longa tem taxa de quase 9%, é raro no mundo ter algo nesse nível, então o ajuste para a moeda [real] no ano tende a ser positivo."

Após os ativos de risco globais baterem recordes recentes pela mudança de plano do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de subir juros, Pedro Paulo Silveira, economista-chefe da Nova Futura, acredita que o mercado pode ceder a movimentos de realização de lucros. "Nos próximos 15 dias questões importantes como a guerra comercial dos EUA com a China, um cenário não muito positivo para a Europa e China farão os investidores reavaliar para onde vão os preços. Se continuar subindo, será bem mais suave."

Com esse pano de fundo, e sem que a reforma da Previdência mostre resultados antes do recesso parlamentar, Silveira acha que pode faltar combustível para os ativos brasileiros engatarem nova rodada de valorização. "Os índices de confiança e de atividade no primeiro trimestre dão sinais de desaceleração de novo e, a depender do que se observar no começo deste segundo trimestre, pode confirmar um maio ainda devagar para a economia. Talvez no fechamento do semestre tenha um ritmo mais positivo."

Alguns eventos corporativos podem pautar o rumo das ações, na avaliação do especialista, sobretudo de algumas empresas estatais. "A venda de ativos estudada para a Caixa, Banco do Brasil, Petrobras e alguma definição para a Eletrobras vão continuar chamando a atenção do mercado", cita Silveira. Ele vê o setor privado mais parado e diz que o cancelamento da oferta de ações da Vamos é sintomático de um período de mais cautela.

Para quem tem sobra de caixa neste momento, a sugestão é deixar em títulos atrelados à Selic, que assimilam possíveis choques negativos, para apimentar a carteira quando o céu clarear.

Daniela Casabona, sócia-diretora da FB Wealth, vê chances de o Ibovespa encerrar o ano na casa dos 130 mil pontos, portanto com potencial de valorização em relação ao nível atual, mas diz preferir delegar a parcela alocada em renda variável para gestores de fundos de ações. "Eles têm a capacidade de avaliar o melhor momento de comprar e vender papéis e também operam o índice", diz. "Mas o investidor tem que ter consciência de que tem risco, oscila, é um negócio para o longo prazo, não dá para ficar desesperado e nem achar que vai ficar rico de uma hora para outra."

Na renda fixa, ela sugere fundos que façam um mix entre títulos públicos e privados, a fim de ter um retorno melhor do que o magro CDI, que no ano roda com pouco mais de 2%.